



Funaro com Marcello Marques Moreira, embaixador do Brasil nos EUA.



Gros (à direita) cercado pelos jornalistas na sede do Citicorp.

Funaro acha que venceu os credores

Ele vê na posição de autoridades americanas e do FMI apoio à tese de refinanciar a dívida

O ministro Dilson Funaro parte para o Brasil esta noite, certo de que conseguiu impor seu controvertido plano econômico a vários governos e a alguns importantes banqueiros, durante a semana que passou em Nova York e em Washington, participando de mais uma reunião do Comitê interino do Fundo Monetário Internacional.

O secretário do Tesouro norte-americano, James Baker, respondeu "positivamente" ao plano que começou, inclusive, a ser detalhado por comissões técnicas dos dois países. O presidente do Federal Reserve System, Paul Volcker, também o analisou com simpatia. O Banco Mundial enviará uma missão ao Brasil, depois da Semana Santa, para estudar projetos de refinanciamento. E o comitê de bancos credores, em Nova York, confirmou ontem a sua disposição de continuar o diálogo com o Brasil, indicando que vai repassar um telex do governo brasileiro a todos os seus credores pedindo que prorroguem o prazo do vencimento de US\$ 9,6 bilhões, no próximo dia 1º de junho.

Além disso a linguagem dos ministros de Economia da Argentina e do México passou a aproximar-se muito da do Brasil, como também o próprio discurso do secretário do Tesouro, James Baker, mostrou uma terminologia familiar ao ministro Funaro, rompendo uma linha que vinha sendo mantida com rigidez desde o último encontro do FMI, em Seul.

Um assessor de Funaro, fechando este cenário otimista, ainda acrescentou que o Brasil já fechou créditos de exportação com a França, está quase fechando com a Itália, falta pouco para concluir negociações com o Canadá, e que espera agora uma resposta do Eximbank.

Veja o que diz de sua viagem aos Estados Unidos o ministro Funaro, entrevistado pelos correspondentes brasileiros em Washington, ontem à tarde, na embaixada do Brasil.

Nesta viagem: aonde é que o sr. está recebendo um apoio inequívoco à posição do Brasil?

Uma posição inequívoca, positiva, foi do presidente e do Conselho de Diretores do Banco Mundial, que imediatamente disseram o seguinte: nós acreditamos, estamos estudando em detalhe o plano, e mandaremos logo uma missão do Banco Mundial ao Brasil para estudar o refinanciamento necessário.

As conversas com o ministro (James) Baker foram positivas, também. Discutimos um pouco, não só as dificuldades do sistema financeiro, mas as possibilidades de uma negociação que levasse as agências multilaterais, como o Banco Mundial, e o sistema financeiro a compreender o plano. Com o sr. (Paul Volcker (o presidente do Federal Reserve System, que é o banco central americano), tivemos uma conversa muito longa, onde debatemos muito, também, o problema das nações como o Brasil, e um ponto ficou absolutamente constante: a diferença entre o ano passado e este ano. O discurso do presidente do Fundo Monetário, Michel Camdessus referiu-se três vezes ao crescimento. "Não existe solução a não ser através do crescimento". Isto foi absolutamente importante. É uma mudança profunda na colocação feita do FMI. Nas reuniões, o sr. Baker, sr. Volcker, sr. Stoltenberg (ministro da economia da Alemanha) e outros, como o ministro de economia da

França, todos falaram sobre o crescimento e a necessidade de crescimento.

— No discurso do secretário norte-americano do Tesouro, James Baker, onde é que o sr. viu pontos de desacordos claros com a sua posição e onde é que o sr. viu pontos convergentes?

— Acho que os pontos de coincidência são sobre o crescimento. Foi um discurso muito claro, onde a solução dos países devedores passa pelo crescimento. O segundo ponto que ele enfatizou muito foi o seu Plano Baker, e que trata exatamente do refinanciamento, que é o programa brasileiro.

— Nosso problema então é com os bancos?

— Com as agências multilaterais, com o sistema de refinanciamento existente hoje no mundo.

— O sr., na conversa com Baker, ouviu dele a disposição de "vamos conversar" sobre o refinanciamento brasileiro na base deste programa que o sr. apresentou?

— Ouvi sim. E mais do que isso: tivemos uma reunião, onde eu depois compareci, entre os técnicos que estão comigo e os técnicos do Tesouro, exatamente para discutir o plano. E tivemos, ontem (anteontem) à tarde, uma reunião de quase duas horas com os técnicos discutindo o crescimento, a necessidade de refinanciamento.

O Sr. encontrou resistência a esta idéia na reunião com os banqueiros em Nova York?

— Na reunião que tive com os banqueiros, nós conversamos sobre o plano. Conversamos um pouco sobre os erros que aconteceram no passado, e das modificações necessárias para que esses erros não ocorram de novo. Sobre a grande dificuldade do sistema de dar uma resposta às nações que necessitam refinanciamentos. Portanto, foi uma conversa de análise da situação.

O sr. está passando agora por um momento delicado das negociações. O sr. volta ao Brasil preocupado com a sua sustentação política?

— Não, eu não tenho esse tipo de preocupação, não. Minha preocupação é internacional.

O sr. tem falado com o presidente?

— Sim, todos os dias. Duas ou três vezes por dia.

Depois daquela reunião do governador Quérquia...

— Olha, eu quero dizer o seguinte. Honestamente, quero dizer que estou numa reunião discutindo um problema muito sério, que é o futuro do nosso País. Quando voce pega o editorial do *Wall Street Journal* de hoje, discutindo, se o governo vai ou não ficar...nas reuniões que tenho, quando se coloca em cima da mesa se é realmente com esta missão que deve discutir, se não é; certamente, isso não ajuda.

O sr. acha que daqui para frente nós não vamos mais escutar que falta um plano econômico mais detalhado para se chegar a um acordo com o Brasil?

Bem, veja que aí há um número muito grande de pessoas. Só os banqueiros são 800. Nós não podemos em nenhum momento dizer a vocês que os 800 acham que não precisam de um plano econômico. Não posso lhe afirmar isto. O que posso dizer é o seguinte: nós apresentamos um plano, temos discutido esse plano, mostrando as bases do plano, porque que achamos que é, possível haver um crescimento, porque achamos que é possível manter um superá-

vit, porque temos essa necessidade de refinanciamento.

O sr. insistiu várias vezes que a nossa economia é um assunto interno. Ao acertar com o Banco Mundial que nós vamos receber uma missão, ao acertarmos com o clube de Paris que haveria uma avaliação pelo FMI até julho deste ano da nossa economia, está abrindo mão desse princípio?

Existe uma diferença muito grande entre você monitorar a economia, que é o que não desejamos, e esclarecer o que estamos fazendo, informar. Essa informação não significa monitorar. Significa apenas esclarecer para todas as nações o caminho que o Brasil está seguindo.

— Em que medida esta boa recepção ao seu plano pelo Banco Mundial e pelo secretário Baker pode influenciar os credores privados do Brasil?

— Acho que nós temos ainda um longo caminho pela frente, um longo caminho que é de reconstruir, sendo que o sistema financeiro tem que ter certeza de que o Brasil é um país que está continuando a ter a potencialidade que sempre teve. Confiança é um ponto muito importante para investidor estrangeiro, para investidor nacional e para o próprio cidadão brasileiro. O plano mostra qual a diferença entre este plano e planos antigos, feitos em 81, 82 e 83. Os antigos faziam com que o Brasil diminuísse o mercado interno, tivesse mais produtos para exportar e com isso pudesse pagar o serviço da dívida. E não foi por outro motivo que tivemos uma grande recessão interna, exportamos mais produtos e tivemos um grande superávit. O que esse plano diz e o seguinte: nós podemos manter um superávit de 8 bilhões, e não de 12. Com esse superávit, que vai de 8, neste ano, até 11, daqui a quatro anos, o Brasil continua tendo a oportunidade de crescer também no seu mercado interno. Vai ter de fazer os investimentos necessários. Portanto, é um país dinâmico que começa a responder aos problemas da crise e do débito, e não um país que para para ter a chance de retirar os seus produtos e servir o serviço da dívida.

— O sr. mesmo já disse que há várias alternativas, vários pratos neste momento, que devem ser escolhidos pelos bancos e pelos países de acordo com suas condições específicas. Quais são, no caso brasileiro, as soluções que parecem mais apetitosas para o sr. e mais viáveis para os bancos?

— Primeiro, todos que tenham um refinanciamento direto, principalmente ligados à transferência que o Brasil faz todo o ano. Certamente, existem algumas operações que poderão sair neste sentido. As idéias que forem ao encontro das necessidades brasileiras serão aceitas pelo governo brasileiro. As idéias que não interessam estamos descartando, como temos feito ultimamente. Algumas propostas de trocar o principal por investimento nós não temos feito porque isto não traria nenhum benefício imediato ao País, nem nos próximos anos. Traria uma troca de um principal que está sendo discutido, e no ano seguinte, ao invés de você pagar juros, estaria pagando dividendos, o que significa que não daria nenhum alívio à posição de caixa do Brasil.

— Mas a proposta do Banco de Montreal é de principal ou juros?

— É principal. A proposta foi de principal. Conversamos sobre juros, e eles ficaram de estudar.